

sinopse "Operação Outono" foi o nome de código dado à operação levada a cabo pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) com o objectivo claro de assassinar o general Humberto Delgado. A operação, bem-sucedida, culminou com a sua morte a 13 de Fevereiro de 1965, na herdade de Los Almerines, próximo da ribeira de Olivença, no limite jurídico entre Portugal e Espanha. A acção do filme decorre entre Portugal, Espanha, Argélia, Marrocos, França e Itália entre os anos 1964 e 1981, desde a preparação da operação até ao caso em tribunal, já depois da revolução de Abril. Através do uso de algumas imagens de arquivo, Bruno de Almeida ("The Lovebirds") realiza um "thriller" político tendo como base o livro "Humberto Delgado, Biografia do General Sem Medo", de Frederico Delgado Rosa, neto do general, onde são reveladas novas pistas sobre o assassinio de um homem que se tornou num dos ícones pela liberdade e contra a ditadura de Salazar. Produzido por Paulo Branco, conta ainda com a participação dos actores John Marcello Urgeghe, João d'Ávila, Nuno Lopes, Pedro Efe, Diogo Dória, Luís Lima Barreto, Adriano Carvalho, José Nascimento, Ana Padrão, Cleia Almeida, Carla Chambel e Camané.

ficha técnica Título original: Operação Outono (Portugal, 2012, 92 min.)

Realização: Bruno de Almeida

Argumento: Bruno de Almeida, Frederico Delgado Rosa, John Frey

Interpretação: John Ventimiglia, Diogo Dória, Nuno Lopes

Fotografia: Edmundo Diaz

Som: Ricardo Leal, António Pedro Figueiredo

Montagem: Roberto Perpignani

Música: Dead Combo

Produção: Paulo Branco

Estreia: 25 de Outubro de 2012

Distribuição: Clap Filmes

Classificação: M/12 anos



Time Out, Novembro de 2012

Eis uma das grandes surpresas no que ao cinema português diz respeito: apesar de vir do terreno do cinema mais independente e low-budget, Bruno de Almeida sai-se de forma notável no seu primeiro empreendimento de grande fôlego, uma reconstituição da operação que levou à morte de Humberto Delgado às mãos da PIDE e do julgamento dos principais envolvidos.

O registo é de thriller político, à imagem dos que Francesco Rosi ou Costa-Gavras faziam nas décadas de 60 e 70, ultra-minucioso nos detalhes mas poupado da contextualização histórica, reduzida ao essencial necessário à compreensão do que se passa. Ou seja, funciona para quem conheça ou não conheça a história que se conta. A dobragem do norte-americano John Ventimiglia para português é o ponto fraco do filme, compensado pela parecença física do actor com Humberto Delgado e principalmente pelo rigor sem embelezamentos do retrato que dele se faz, como um homem emotivo, impaciente, orgulhoso e cheio de tiques autoritários, tudo conforme aos relatos de quem com ele privou.

Com um leque de interpretações sem mácula e um ritmo narrativo invejável, Operação Outono desagradará aos amantes das biografias mais certinhas mas é cinematograficamente muito mais potente do que elas.

O general sem voz

Luís Miguel Oliveira, Público de 22 de Novembro de 2012

"Operação Outono" vê-se bem por entre as suas debilidades, mas deixa um travo a frustração

O elenco heteróclito - que inclui, por exemplo, Camané como guarda-fronteiriço, e o realizador José Nascimento como Barbieri Cardoso - é uma das singularidades desta Operação Outono, reconstituição dos acontecimentos que conduziram (e que se seguiram) à morte do General Humberto Delgado. É pelo elenco, no entanto, que muito depressa temos a sensação de que o filme de Bruno de Almeida não vai correr tão bem como podia ter corrido: John Ventimiglia é um miscast no papel de Delgado, com um à vontade novalunquino que parece que nunca cola à personagem, agravado por uma dobragem (todos os diálogos do General precisam de dobragem em português) que deixa as suas falas em total assincronia com o movimento dos lábios. Podia ser uma ideia para interromper a "suspensão da descrença", esta de ter um protagonista - e que protagonista... - permanentemente "out of sync" com a realidade circundante (e nem era preciso rebuscar muito para encontrar aí algum sentido).



Mas não é evidentemente esse o trabalho do filme, que quer e persegue um naturalismo muito mais legível, apenas a espaços tingido por alguma teatralidade (o monólogo de Diogo Dória ao espelho, qual Travis Bickle...) ou encenação processual (as audiências com os ex-pides, já depois do 25 de Abril).

Fora essas debilidades técnicas, de que o "caso Ventimiglia" é exemplo supremo, que dão ao filme um ar "tosco" que não é inteiramente desagradável mesmo se se percebe que a imperfeição não é procurada (apenas não evitada), falta a "Operação Outono" um centro forte, um olhar que una e implique com outro poder toda a diversidade - de registos, de tons - de que ele é feito. Temos a sensação de estar perante uma "coleção de cenas", umas que resultam bem, outras que nem tanto, uma decomposição da história em episódios, em "vinhetas", onde o necessário se confunde com o acessório para deixar a impressão de um filme "deslaçado", com demasiado "ar", mais esvoaçante do que seria desejável. Há uma certa "democracia" no olhar de Bruno de Almeida, como se o filme não fosse só sobre Delgado mas sobre toda a gente directa ou indirectamente ligada ao caso (do assassino, Pedro Efe em impecável brutamontes, à viúva, Ana Padrão em modo sequíssimo) - mas falta que esta "democracia" encontre o clique para se converter em "mosaico" consistente. Operação Outono vê-se bem por entre as suas debilidades, mas deixa um travo irremediável a frustração.

Operação Outono - Obviamente Delito (com entrevista a Bruno de Almeida)

Ana Margarida de Carvalho, Visão de 21 de Novembro de 2012

Um filme que remexe em águas turvas, muito turvas, da história, da política e da justiça portuguesa. A trapalhada trágica, o embaraço diplomático, a emboscada torpe da PIDE que envolveram o homicídio de Humberto Delgado, o general à prova de bala

Era um homem napoleónico: "Primeiro avançar depois logo se vê". É assim que o realizador Bruno de Almeida retrata Humberto Delgado, em Operação Outono, um filme que lança um último olhar sobre um general, sem medo sempre, mas já na sua fase de ocaso. A caminhar, desarmado de espírito, mas de revólver no coldre, desabrida, irrefletida, e até ingenuamente para a morte. São os seus últimos passos, as suas últimas inquietações, o seu último desassossego: "Eu sou um homem de acção". E aí está o homem que obviamente demitia Salazar, perdidas as fraudulentas eleições de 1958 (75,8% para o Almirante Américo Tomás, 23,4% para o general), cansado de estar à espera, na Argélia, a convite do então presidente Ahmed Ben Bella. Queria acção, mas os "camaradas" de exílio recomendavam-lhe prudência, quando ele só sentia urgências. "As revoluções não se fazem com balas de papel". E assim embarcou, com uma generosidade incauta, num embuste, com nome de estação do ano, muito mal-amanhado pela PIDE. E numa cilada de morte, condenação capital para um general incómodo, que desafiava o regime, nem lhe dava tréguas de apaziguamento. Ele queria acção, exigia revolução.

Baseado na biografia do general escrita pelo seu neto, Frederico Delgado Rosa, o filme consegue transmitir alguma pujança a um político que já parecia estar na mesma fase da operação que levava o nome de código Outono. Isolado, desacreditado, desapoiado. Ironicamente, sempre que um cineasta tem um papel de herói nacional, opositor ao Estado Novo, entrega-o a um ator estrangeiro: o italiano Stefano Accorsi, enquanto Salgueiro Maia, em Capitães de Abril, de Maria de Medeiros e agora, o ator dos sopranos, John Ventimiglia, enquanto Humberto Delgado. Em ambos os casos ganhou-se em carisma e parecência física - em Operação Outono perdeu-se na dessincronia da dobragem.

Bruno de Almeida conta que mal acabou de ler o livro Humberto Delgado, Biografia de um General sem Medo (2008), veio-lhe a ideia da adaptação. Interessava-lhe sobretudo as circunstâncias nunca esclarecidas, ou nunca prevalecidas pela justiça, da morte do general. "A história nunca tinha sido bem contada, houve uma série de mentiras sobre a forma como Humberto Delgado foi assassinado, nos resultados do julgamento, no que se passou em tribunal. Dramaticamente, tinha todos os elementos para ser um filme, é mirabolante, com episódios incríveis", comentou em entrevista. Para a seguir acrescentar: "em termos de corrupção e de tribunais continuamos numa sociedade arcaica". O filme decorre entre o início da operação, a ratoeira armada para atrair o general até junto da fronteira, e prossegue já depois, em 1981, quando o caso foi levado a tribunal, com a PIDE no banco dos réus, alguns agentes presentes, outros ausentes (como o célebre Rosa Casaco, que comandou toda a desastrosa operação), mas não redundando em nenhuma pena de prisão efetiva, denunciado o julgamento como uma farsa por Frederico Delgado Rosa: "Os juízes do Tribunal de Santa Clara deturparam de forma grosseira e deliberada a verdade material do crime, por motivos políticos, no sentido de ilibar postumamente a figura de Salazar". O Acórdão de Julho de 1981 considerou que o objetivo era apenas raptar, e não matar Humberto Delgado.

Perdido o protagonista principal, logo na primeira parte do filme, o enredo segue a lógica de thriller político, com muitas palavras, muitas andanças por corredores, muitas conversas às secretárias, muitas cenas de tribunal, sem antes passar por uma fase CSI, com a exumação e autópsia dos cadáveres em decomposição. Na altura da morte, Delgado fazia-se acompanhar pela secretária pessoal, a brasileira, Arajaryr Campos, de óculos felinos à anos 60, cujo papel no filme, parece só ser "pegar casacos" dos restantes, mas aguarda-se um pouco mais de desenvolvimento da personagem na versão longa, que se seguirá em formato de série televisiva.

Um dos grandes trunfos do filme é o actor Carlos Santos (um tão magnífico como sinistro Rosa Casaco). É ele que (des) governa toda esta operação, que culminou na morte e num duplo enterro apressado em solo espanhol, o que, apesar da sintonia franquista com Salazar, causou o maior embaraço e humilhação ao presidente do Conselho, e sérias complicações diplomáticas. Cheia de falhas e partes gagas, trapalhadas e, pior do que isso, testemunhas, a operação depressa se desmascarou, os corpos foram facilmente encontrados, o anel militar de Humberto Delgado identificado e abriu-se um processo de averiguações em Espanha bastante sério. Foi, aliás, graças à negligência portuguesa e à diligência espanhola que muitos pormenores do assassinato puderam ser descortinados. Silva Pais e Barbieri Cardoso, directores da PIDE, ainda tentaram a velha desculpa do "foram os comunistas": Não pegou.

Cuidado Casimiro

Se as imagens de época (em Argel, Itália ou Marrocos), retiradas de películas da altura, são meramente circunstanciais e até produzem alguns "choques" de raccord com as cenas que se lhes seguem, toda a sequência de época referente ao 25 de Abril acompanhada do E Depois do Adeus (resulta sempre) torna-se quase comovente. Bruno de Almeida que curiosamente nasceu no ano em que Delgado foi morto (1965) saiu, em criança, à rua nesse dia "inicial, inteiro e limpo" com o pai, acompanhou o entusiasmo do povo, presenciou o tiroteio na António Maria Cardoso. Ele que não queria fazer um filme bonito, com planos compostos, procurou mesmo "o anti-estético", acabou por conseguir uma das mais belas e solares sequências do 25 de Abril, sem imagens demasiado requentadas nem os clichés do costume.



Sem nunca se afastar do ponto de vista documental, "o objetivo era filmar a verdade", sem nunca parecer cuidado (apesar da opção dos 16mm), há cenas que podem salvar o filme inteiro, como os percursos nos soturnos dos corredores da PIDE (o verde seco das paredes), ou a deixa cómica de uma das filhas do general Maria Humberta (Cleia Almeida) que assiste às exéquias fúnebres do ditador, com o maxilar muito encarquilhadinho, pela televisão, ou os interrogatórios dos militares do MFA ao desgraçado do guarda fronteiriço (Camané, sem fado mas com farda, uma revelação...).

O brutamontes Casimiro, um autêntico assassino profissional, "o animal" como lhes chamavam os colegas da PIDE, é dado como autor material do crime, e o filme deixa a tese de que o general pode ter sido assassinado de uma forma ainda mais brutal do que se supunha. Mas sobretudo deixa-se a mensagem, muito pouco subtil (diga-se de passagem): "a PIDE tinha 20 mil informadores, eles andam aí". Mas o que importa reter é que a história não tem donos, nem aqueles que mais ordenavam, nem que a tentem enterrar a sete palmos de terra.